



VOL.7 | N. 13 | JAN/JUN DE 2021 | ISSN 2359-4489

ARTE E POLÍTICA: RAÇA, GÊNERO E NACIONALIDADES



FACES DE CLIO

“Empalideciam e ficavam imóveis como estátuas”

O cólera na cidade do Icó, província do Ceará (1862)

Jucieldo Ferreira Alexandre¹

Resumo: O artigo parte de relatos memorialísticos sobre o cólera que atingiu Icó, Ceará, em 1862. Neles, a moléstia é apresentada como o capítulo inicial da decadência econômica e perda do prestígio político local. Para justificar a tese, os memorialistas afirmam ter a doença matado metade da população na ocasião. Do mesmo modo, os relatos apresentam o médico Pierre Théberge, como o herói da quadra epidêmica, ao ponto de morrer por cólera, enquanto socorria os doentes de outro surto, em 1864. Através de manuscritos e jornais, demonstro como a memória local inflacionou o impacto demográfico da epidemia. Apresento uma narrativa dos dias de crise, especialmente indicando os efeitos no cotidiano local: um tempo de medo e tensões sociais. A apresentação do drama epidêmico indicia o que levou o cólera a permanecer sendo acionado na memória local quase cento e sessenta anos depois.

Palavras-chave: Epidemia de cólera, cidade de Icó, memória.

“They paled and stood still as statues”

The cholera in Icó city, province of Ceará (1862)

Abstract: The article starts from memorialistic reports about the cholera that reached Icó city, in 1862. On them, the illness is presented as the initial chapter of economic decay and the loss of political influence of the locality. The memorialists affirm that the disease killed half of the population in the occasion. Likewise, the reports show the doctor Pierre Théberge as the hero of the epidemic square, to the point of to die because of the cholera, while trying to help the patients of another outbreak, in 1864. Through the manuscripts and newspapers, I demonstrate how the local memory inflated the demographic impact of the epidemic in the location. I provide a narrative of the crisis days, especially indicating the effects about the local daily: a time of fear and social tensions. From the presentation of epidemical drama, I search to indicate evidences of what took the cholera to remain being active in the local memory almost a hundred and sixty years later.

Keywords: Cholera epidemic, Icó city, memory.

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Docente da Universidade Federal do Cariri. E-mail: jucieldo.alexandre@ufca.edu.br .

A memória sobre o cólera em Icó

No ano de 1862 a Província do Ceará foi fortemente atingida por uma epidemia. O cólera morbo² circulava no Império do Brasil, tendo atingido diversas províncias e matado cerca de 200 mil pessoas entre 1855-1856. Desde janeiro de 1862, a cidade de Icó vivia apreensiva: focos da doença tinham atingido a Paraíba, com quem mantinha fronteiras e relações comerciais. No início do mês de abril, Icó rendia-se à dura verdade: a moléstia manifestara-se em suas ruas. Os feitos do cólera na cidade foram terríveis e a memória sobre a epidemia permanece sendo acionada no século XXI.

Um dos mais antigos núcleos populacionais cearenses, com história diretamente ligada ao avanço da pecuária no sertão colonial setecentista, Icó mantém um belo sítio histórico conservado. As edificações antigas – igrejas, prédios públicos e centenas de residências, indo de imponentes sobrados a casas baixas e estreitas, revelando as divisões sociais existentes – testemunham a ação dos sujeitos históricos que fizeram do lugar um polo da economia cearense, entre o início do século XVIII e meados do XIX .

Tendo tido destaque no comércio com o interior do Ceará e províncias vizinhas, Icó mantinha relações comerciais estreitas com Aracati, uma das áreas a disputar a hegemonia política e econômica com Fortaleza, sendo aquelas suplantadas por esta ao longo do século XIX³. Deu-se, então, o enfraquecimento do comércio no vale do Jaguaribe, a ligar às “ribeiras

² Enfermidade infectocontagiosa, a transmissão do cólera ocorre pelo consumo de água ou alimentos contaminados pela bactéria *Vibrio cholerae*. Ao se instalar no intestino humano, o vibrião causa náuseas, cólicas abdominais, vômitos e violenta diarreia, ocasionando intensa perda de sais minerais e água. A desidratação faz a pele perder a elasticidade, surgem olheiras profundas e as mãos ficam enrugadas; na sequência, ocorre a algidez (resfriamento do corpo), queda da pressão arterial, supressão da secreção urinária e colapso circulatório. Em meados do século XIX, período pesquisado no artigo, apenas se especulava as formas de contágio e tratamento adequado para combater sua manifestação, a despeito da terrível marcha pelo mundo, percorrendo o Oriente e o Ocidente e matando cerca de 40 milhões de pessoas. A descoberta do agente transmissor do cólera se deu aenas no ano de 1883, pelo médico alemão Robert Koch (1843-1910), o mesmo que descobriu, um ano antes, o agente causador de outra doença símbolo do século XIX, a tuberculose. Ver: MCNEILL, Willian. H. *Plagues and peoples*. New York: Anchor Press, 1976.

³ A fortificação da capital do Ceará deu-se por vários fatores. Alguns aparecerem com mais frequência na historiografia: a centralidade política adquirida por Fortaleza com o processo de construção do Estado Nacional no Brasil Império; a conjuntura da década de 1860, com o porto da capital tornando-se um dos principais polos de exportação de algodão, cuja oferta mundial viu-se abalada pela Guerra da Secessão nos Estados Unidos (1861-1865); e a expansão ferroviária, interligando o Ceará de norte a sul, entre a segunda metade do século XIX e os anos 1920. Ver: MELLO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império: 1871-1889*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 122-123; OLIVEIRA, Almir Leal de. A construção do Estado Nacional no Ceará: autonomias locais, consensos políticos e projetos nacionais. In. SOARES, Igor de Menezes; MORAIS, Ítala Byanca (orgs.). *Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva*. Vol. 2. Fortaleza: IPHAN, 2017, p. 17-18; PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In. SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha 2007, p. 162-191.

do Icó” ao porto de Aracati. Não por acaso, a estagnação econômica das duas cidades contribuiu para a conservação do patrimônio arquitetônico erguido nos tempos de bonança. Atualmente, Icó e Aracati são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Todavia, é interessante perceber como a memória construída ao longo dos anos em Icó representa o cólera de 1862, e um segundo surto da doença, em 1864, como capítulo inicial do processo de arruinamento da cidade. Nos escritos dos memorialistas icoenses, ou nas entrevistas concedidas por estes, a epidemia é representada como momento arrasador, no qual “metade da população morreu”⁴. Nas palavras de Miguel Porfírio Lima, para além da alta mortalidade, o cólera teria levado muitos habitantes a fugirem da cidade “para locais onde não existia o vibrião”⁵. Tais fugitivos teriam permanecido fora após a extinção do surto, acelerando a crise de Icó: “não conseguindo mais recuperar a sua posição de líder dos sertões”⁶. Altino Afonso Medeiros, pessoa das mais respeitadas na cidade, por atuar ativamente na defesa da memória e patrimônio local, afirmou: “Nós sabemos que o cólera morbo é o responsável pela decadência do Icó”⁷.

Segundo os memorialistas citados, se o cólera marcou o início do declínio, as grandes secas da década de 1870 e a exclusão de Icó no traçado da estrada de ferro, no início do século XX, concretizaram o desmoronamento da pujança local⁸. Em tal explicação, amplamente conhecida na cidade, é possível perceber indícios de nostalgia: idealização de um tempo representado como rico, marcado pela influência do lugar sobre o Ceará; anos dourados, destruídos por catástrofes inesperadas e pela exclusão do município de benesses tecnológicas e políticas. Nestes termos, somente restaria aos icoenses conservar os sinais do passado, do tempo no qual era a “Princesa do Sertão”, pois, no presente, “perdeu a coroa, e apresenta-se de pés descalços, e andrajosa”, sem “perspectiva de solução para os problemas, porque não existe no povo nenhuma noção de conservação e preservação deste grande

⁴ Palavras do memorialista Altino Afonso Medeiros em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, de 29 maio de 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/por-caminhos-de-pedra-1.247607>. Último acesso: 30 mar. 2020.

⁵ LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Edição do autor: Icó, 1995, p. 73.

⁶ Idem, p. 73.

⁷ Palavras do memorialista Altino Afonso Medeiros em entrevista ao programa “Municípios”, da TV Diário. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7sVEtQyhwt0>. Último acesso: 30 mar. 2020.

⁸ LIMA, op. cit., p. 74.

patrimônio que o passado nos legou [...]”⁹. Tais elementos fazem lembrar as considerações de John Tosh sobre o caráter “nostálgico” das memórias dedicadas às “eras de ouro”:

Este tipo de descrição não só não é um guia confiável ao passado, mais também uma base para o pessimismo e rigidez no presente. A nostalgia apresenta o passado como uma alternativa em vez de um prelúdio a ele. Ela nos encoraja a procurar ansiosamente uma inalcançável era de ouro em vez do engajamento criativo com o mundo como ele é. Enquanto a consciência histórica deve estimular nosso discernimento ao presente, a nostalgia induz a um desejo de escape do mesmo¹⁰.

À luz das fontes contemporâneas aos surtos epidêmicos em Icó de 1862 e 1864, é possível afirmar: a memória sobre o cólera na cidade inflacionou o impacto daquele sobre os rumos da história icoense. Malgrado a incerteza dos números divulgados nas correspondências e relatórios oficiais ou em cartas e notícias publicadas na imprensa, não é crível que metade da população de Icó tenha falecido por cólera. O mais completo estudo estatístico feito no Ceará no início da segunda metade do século XIX, estimou a população do município de Icó, com dados relativos ao ano 1859, em 13.455 pessoas, divididas entre 11.504 livres e 1.951 escravizadas¹¹. Não há muitas informações sobre a quantidade de habitantes do núcleo urbano, onde o cólera grassou com mais força. Encontrei um ofício da presidência da província e notícia de jornal afirmando não chegar a “5000 almas” os habitantes da cidade em 1862¹². Tomando tais dados por base, é possível que metade da população de Icó habitasse a sede do município no começo da década de 1860.

Ora, os dados sobre a mortalidade do cólera em Icó são bem díspares: apontam entre 700¹³ e 1.400 os óbitos de 1862¹⁴. Ao contrário da afirmação do memorialista Miguel Lima, para quem “a maior incidência [do cólera em Icó] verificou-se em 1864, quando morreu [sic] na cidade 50 pessoas por dia”¹⁵, os casos fatais neste ano teriam sido modestos: 45 mortos

⁹ LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Vol. 2. Edição do autor: Icó, 1998, p. 127.

¹⁰ TOSH, John. *A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 32.

¹¹ BRASIL, Thomaz Pompeo de Souza. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Tomo II. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997, p. 70.

¹² O dado aparece nos seguintes documentos: ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO - ANRJ. Ofício 41. 26 mai. 1862. Série interior. Negócios de províncias e estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862); *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 3. Optamos por atualizar a grafia das fontes citadas no artigo, mantendo a pontuação original. A medida visa deixar a leitura mais dinâmica e acessível aos leitores.

¹³ *O Cearense*, n. 1568, 20 mar. 1863, p. 1.

¹⁴ *O Araripe*, n. 287, 06 set. 1862, p. 2.

¹⁵ LIMA, op. cit., 1995, p. 71.

entre 541 adoentado¹⁶. A epidemia de 1864 ficou restrita ao sul cearense, com mortalidade estimada em 886¹⁷, bem longe das 12.584 mortes indicadas em 1862¹⁸. Aliás, relatos de mais de cinquenta óbitos diários em Icó aparecem registrados no ano de 1862¹⁹, e não em 1864. Portanto, embora o número considerável de falecimentos pela epidemia, a afirmação de que “mais da metade da população”²⁰ de Icó morreu por cólera não encontra respaldo nos dados empíricos.

Independente das imprecisões numéricas e fatuais, importa destacar: a memória sobre a epidemia plasmou-se entre os icoenses, ao ponto de ser lida como momento essencial da trajetória da cidade, marcando o início de fase descrita como de “irreversível decadência”²¹. A lembrança do cólera e a hipervalorização do mesmo na leitura da trajetória de desenvolvimento local refletem o quanto a epidemia impactou a população dos anos 1860, passando a outras gerações os relatos sobre os dramáticos dias da epidemia, com dezenas de mortes diárias e infundável fluxo de carroças, levando corpos amontoados ao cemitério, além das fugas de moradores motivadas pelo medo. O tempo foi dando novos contornos às histórias sobre o cólera, plasmando outros significados à luz das questões e problemas engendrados socialmente na localidade.

Quase cento e sessenta anos depois, o cólera ainda é lembrado em Icó. Há, inclusive, na cidade “lugares de memória”²² comumente associados à epidemia. O maior exemplo é a edificação atualmente conhecida como “Teatro das Ribeiras dos Icó”. Idealizado e construído pelo médico francês Pierre Théberge, também conhecido como Pedro Théberge, com finalização no ano 1860, o prédio tem características neoclássicas, marco arquitetônico diferencial do sítio histórico, no qual predomina os traços barrocos. O monumento costuma ser descrito como “um símbolo do esplendor do Icó em meados do século XIX²³, marco da “era de ouro” sempre lembrada na memória local.

¹⁶ STUDART, Dr. Barão de. *Datas e factos para a história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997, p. 59.

¹⁷ *O Araripe*, n. 287, 06 set. 1862, p. 2.

¹⁸ *O Cearense*, n. 1568, 20 mar. 1863, p. 1.

¹⁹ ANRJ. Ofício 41. 26 mai. 1862. Série interior. Negócios de províncias e estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

²⁰ Palavras do memorialista Altino Afonso Medeiros em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, de 29 maio de 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/por-caminhos-de-pedra-1.247607>. Último acesso: 30 mar. 2020.

²¹ LIMA, op. cit., 1995, p. 74.

²² NORRA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. N. 10, Dez. 1993, p. 7-28.

²³ MAPURANGA, José (org.). *Bem-vindo ao reino do louro e da peixada: Icó, patrimônio nacional*. Expressão Gráfica: Fortaleza, 2009, p. 78.

Todavia, o teatro é recorrentemente lembrado como “hospital”. A casa de espetáculos teve o palco tomado por drama que a plateia não desejava assistir, muito menos aplaudir: a epidemia do cólera. Em 1862 o teatro transformou-se numa enfermaria improvisada, onde os doentes pobres receberam tratamento. Muitos lá finaram. O tratamento dos coléricos é sempre associado ao nome do responsável pela construção do teatro: “[..] doutor Pedro Théberge, como médico, ele transformou esse teatro numa grande enfermaria e aqui recebia as pessoas vítimas do cólera”²⁴. Na memória local, a vinculação do médico ao teatro/hospital na conjuntura do cólera tornou-se tão intrínseca que até mesmo a morte daquele, no ano de 1864, passou a ser descrita como consequência do empenho exercido na comissão de socorros da cidade. Tal versão da morte de Pedro Théberge é comumente reproduzida em blogs e jornais cearenses, reforçando a aura do francês que escolheu Icó como casa, pondo a própria vida em xeque no exercício da medicina e socorro à população: “Combateu a cólera e foi vítima da mesma”²⁵, afirmou um texto de 2015 veiculado pelo *Diário do Nordeste*. Outra publicação do mesmo jornal assinalou, em 2010, ter sido o teatro “palco de cenas tristes, ainda que esperançosas, ao ser usado como enfermaria para abrigar os doentes. No Ceará que enfim se livrava da doença, em 1864 morreu Pedro Théberge”²⁶. Já um blog, em 2011, asseverou: o médico teria falecido “no dia 08 de maio 1864, vítima da cólera”²⁷.

Entretanto, Théberge não morreu por cólera. De fato, sabe-se ter ele contraído a doença em 1862, informação registrada na documentação da presidência da província do Ceará²⁸ e pelo próprio médico, em texto na imprensa²⁹. Em 1864, a manifestação do cólera em Icó teria ocorrido entre 5 de abril e 30 de maio³⁰. Malgrado a morte de Théberge ter se dado no começo de maio, recente estudo biográfico, escrito por Yuri Lavor, apontou a existência de notícias dando conta de “terrível dor na cabeça”³¹ sentida pelo médico desde

²⁴ Palavras do memorialista Altino Afonso Medeiros em entrevista ao programa “Municípios”, da TV Diário. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7sVETQyhwt0>. Último acesso: 30 mar. 2020.

²⁵ Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/centrosul/cidades/lancamento-de-livro-e-homenagem-ao-fundador-do-teatro-da-ribeira-dos-icos-pedro-theberge/11431>. Último acesso: 30 mar. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/por-caminhos-de-pedra-1.247607>. Último acesso: 30 mar. 2020.

²⁷ Disponível em: <http://blogdocrato.blogspot.com/2011/06/homenagem-ico-em-maio-de-1864-faleceu.html>. Último acesso: 30 mar. 2020.

²⁸ ANRJ. Ofício n. 28, 15 mar.1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

²⁹ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 3.

³⁰ STUART, op. cit., 1997, p. 59.

³¹ LAVOR, Yuri Guedes de. *Pierre François Théberge em riscos de vida neoclássicos/barrocos na Ribeira dos Icó*. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal do Cariri, Icó, 2018, p. 142.

outubro de 1863. Tais dores intensificaram-se ao longo dos primeiros meses de 1864, até a morte em 8 de maio, aos 52 anos de idade.

A informação levantada por Lavor é corroborada por texto escrito pelo engenheiro Henrique Théberge, filho dedicado a divulgar o legado paterno, sendo responsável pela edição póstuma do “Esboço histórico sobre a província do Ceará”, obra de três tomos, principal escrito de Pierre Théberge. No texto “Traços Biográficos do Dr. Pedro F. Théberge”, na *Revista da Academia Cearense* de 1898, o filho conta a história do pai “de nacionalidade francesa, mas de brasileiro coração”³², registrando como *causa mortis* “um traiçoeiro ataque de congestão cerebral”³³.

O modo como a memória a respeito de Pierre Théberge e o cólera foi construída em Icó, é mais uma forma de reconhecimento para com seu “herói” mais querido: o médico e intelectual que tanto fez pelo melhoramento material e cultural – especialmente por obras como a reforma da casa de câmara e cadeia, o projeto de construção do cemitério e a construção do teatro – não teria se poupado para socorrer os coléricos de 1862-1864, pagando com a própria vida. Assim, a morte do “civilizador” Théberge e o cólera foram plasmados como o capítulo inicial da suposta ruína icoense.

Nas próximas páginas, o leitor entrará em contato com informações sobre a passagem do cólera por Icó, em 1862, a partir de fontes oficiais e jornalísticas do período. O objetivo do artigo é lançar luz sobre os dramáticos dias vividos na cidade e assim melhor entender a forma como a epidemia foi sendo lembrada localmente. Acredito que o drama vivenciado naqueles dias – mesmo diferindo das narrativas construídas posteriormente pelos memorialistas locais – foi o principal responsável pela sobrevivência mnemônica da epidemia e pelas interpretações que fizeram dela marco para uma leitura da trajetória histórica da localidade.

“A presença do visitante indesejado”: relatos do cólera em Icó

Como dito anteriormente, já nos primeiros dias de 1862, os casos do cólera na Paraíba trouxeram apreensão à população de Icó. Não por acaso, as autoridades locais demandavam ações da Presidência da Província do Ceará, haja vista o risco eminente de contaminação do

³² THÉBERGE, Henrique. Traços Biográficos do Dr. Pedro F. Théberge”. *Revista da Academia Cearense*. Tomo II, 1898, p. 129.

³³ Idem, p. 131.

município. O jornal *Pedro II*, de Fortaleza, reproduziu ofício datado a 4 de fevereiro com mostras das medidas iniciais direcionadas a Icó. Em retorno a ofício de 8 de janeiro, enviado pela Câmara Municipal icoense, “pedindo providências contra a epidemia do cólera morbo, de que se acha ameaçada a população”, o vice-presidente José Antônio Machado – então no exercício do executivo provincial – informou a decisão de nomear “comissão sanitária, a quem remeto porção de remédios, e dou autorização para contratar os dois médicos aí existentes”, para encarregarem-se “do tratamento dos doentes, e prestarem aos mesmos todos os recursos de que carecerem, montando um lazareto e providenciando acerca de tudo o mais que for preciso para que não faltem à população os socorros públicos”³⁴. José Antônio Machado sinalizava, ainda, enviar outro médico “dentre os que existem na capital”, caso a epidemia se desenvolvesse “e com tal intensidade que reclame esta providência”³⁵.

Por outros ofícios da mesma data, a presidência comunicou-se, individualmente, com os escolhidos para compor a comissão, apontando também o escopo de atuação esperado para os comissionados quando do aparecimento do cólera³⁶. A junta reunia sacerdotes, militares, funcionários públicos, médicos e alguns dos indivíduos mais abastados da localidade: Luiz José de Medeiros (juiz de direito da comarca), Bernardo Duarte Brandão (bacharel em direito, filho de rico proprietário rural, posteriormente, deputado geral e agraciado com título de Barão do Crato), Frutuoso Dias Ribeiro (promotor público e deputado provincial) os médicos Pedro Théberge e Rufino Antunes d’Alencar (futuro deputado provincial), major Joaquim Pinto Nogueira (delegado de polícia), coronel Francisco Manoel Dias (comandante superior do Icó), tenente coronel Casimiro Pinto Nogueira, major José Frutuoso Dias (vereador e esposo de Glória Fernandes Vieira Dias, filha do Visconde de Icó), padre Miguel Francisco da Frota (vigário paroquial) e padre Manoel Caetano da Silva.

A cada um dos onze componentes da comissão de socorros, José Antônio Machado instava valores filantrópicos e patrióticos. Falando ao delegado de Icó, o vice-presidente afirmava: o comissionado “não se recusará ao desempenho dos deveres que por esse cargo lhe são impostos”. Machado solicitava, inclusive, algo difícil de ser garantido numa crise epidêmica: a comissão deveria evitar o medo generalizado, não poupando “esforços de qualidade alguma” para incutir “coragem no ânimo da população, caso apareça a epidemia do cólera morbo”. Em outra comunicação com os indicados, o vice-presidente reforçou tal ponto:

³⁴ *Pedro II*, n. 61, 14 mar. 1862, p. 1.

³⁵ *Idem*.

³⁶ *Pedro II*, n. 61, 14 mar. 1862, p. 1.

No caso de que essa epidemia aí apareça, cumpre que [...] considerem como um dos principais deveres o evitar que a população deixe-se dominar pelo terror, que a experiência tem mostrado servir somente para aumentar a influência e devastação do mal, tornando-se ao contrário muito menos fatal e até benigno quando encontra na população coragem e firme vontade de combatê-lo³⁷.

A recomendação indicia crença antiga, na qual o abatimento moral numa quadra epidêmica era interpretado como algo a predispor os indivíduos à contaminação³⁸. Isso era validado pelo discurso médico oitocentista, ansioso por disciplinar até mesmo o dobre de sinos pelos finados, pois tais sons atingiriam os “nervos” da população, debilitando-a ao ponto de favorecer o adoecimento³⁹.

Ante o perigo do advento do cólera em Icó, a presidência nomeou, ainda no começo de fevereiro de 1862, comissões menores em Lavras, Telha e Pereiro, localidades circunvizinhas àquela cidade⁴⁰. Desta forma, no segundo mês do referido ano, a presidência do Ceará instituiu as quatro primeiras comissões sanitárias destinadas ao socorro das localidades ameaçadas pelo cólera, seguindo padrão comum nas províncias brasileiras em crises sanitárias.

O temor da contaminação em Icó tornou-se maior a 22 de março: um homem enviado em busca de remédios para tratamento dos coléricos de Sousa, na Paraíba, caiu doente a apenas duas léguas de distância da cidade cearense. Pedro Théberge foi chamado a socorrer o enfermo. Até então, o médico tinha publicado textos contestando a existência do cólera em Sousa. É provável estarem nas inquietações dele, a respeito da confirmação da moléstia, algo recorrente nos lugares vitimados por epidemias. Conforme Jean Delumeau, “o medo legítimo da peste levava a retardar pelo maior tempo possível o momento em que seria encarada de frente. Médicos e autoridades procuravam então enganar a si mesmos”⁴¹. As considerações de Rosenberg, sobre o “primeiro ato”⁴² do drama protagonizado pelas epidemias, também

³⁷ Idem.

³⁸ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 125.

³⁹ REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 264-265.

⁴⁰ *Pedro II*, n. 61, 14 mar. 1862, p. 1.

⁴¹ DELUMEAU, op. cit., p. 118.

⁴² O autor utilizou a metáfora dramática para indicar tendências de respostas comuns – guardadas as especificidades próprias de cada evento – em diferentes localidades atacadas por epidemias. Uma espécie de sequência de “atos”, onde médicos, autoridades públicas e os diferentes grupos sociais encenam papéis no drama, indicaria o padrão teatral dos surtos epidêmicos: “As epidemias começam em um momento no tempo, prosseguem em estágio limitado e duração, seguido uma trama de tensão crescente e reveladora, movem-se para uma crise de caráter individual e coletivo e depois se aproximam do fechamento”. ROSENBERG, Charles E.

ajudam a entender a atitude do médico radicado em Icó. A demora em aceitar e reconhecer a presença da doença invasora foi constante em outras epidemias, afinal, confirmá-la provocava consequências políticas, sociais e econômicas concretas na localidade afetada: admitir a presença de doença epidêmica trazia riscos de “dissolução social”⁴³.

Confrontado com a situação, o doutor Théberge foi obrigado a revelar a presença do cólera: “Quando chegamos encontrei-o já em termos de expirar, e com todos sintomas do cólera álgido⁴⁴ o mais bem provado: diarreia e vômitos pertinazes de más mucosas e de cor esbranquiçadas, dores atrozes no estômago e sobretudo nos membros”⁴⁵. No dia 5 de abril de 1862, José Leandro Tavares, “um forasteiro chegado do Rio do Peixe [localidade da Paraíba]”⁴⁶, morreu no núcleo urbano icoense: não havia mais como negar a presença do visitante indesejado no Ceará. A partir de lá, a doença rapidamente se alastrou pela província, seguindo os passos de boiadeiros – como dito anteriormente, Icó era polo de distribuição de gado desde o século XVIII – ou de pessoas que fugiam de localidades contaminadas, carregando o vibrião colérico nos organismos e mantimentos.

Como demonstra Dhenis Maciel, a entrada do cólera no Ceará não se deu pelo litoral: acabou reproduzindo as rotas de ocupação do sertão cearense no século XVIII, o caminho do gado, das ribeiras a ligar a região sul ao porto do Aracati⁴⁷. Tendo em vista a posição estratégica de Icó no comércio provincial, o vice-presidente do Ceará, José Antônio Machado, em meados de março, fora taxativo em correspondência com o então Ministro de Negócios do Império, Ildefonso Ramos: “Se o cólera morbo acometer a cidade do Icó, [...], é muito

Explaining epidemics and other studies in the history of medicine. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 279.

⁴³ ROSENBERG, op. cit., p. 281-282.

⁴⁴ Considerada a etapa mais grave do cólera, a algidez era caracterizada pelo rápido esfriamento da temperatura corporal. As orientações médicas do período sugeriam que, uma vez identificada a fase álgida, era necessário buscar imediatamente restabelecer o calor no paciente. Texto publicado no jornal *O Araripe*, de Crato, Ceará, sugeria que a ação em prol da elevação da temperatura se desse em duas frentes: internamente, por meio da ingestão de infusão à base de “café preto bem forte, do vinho do Porto ou de Madeira, aguardente ou álcool, ajuntando-se lhe de 8 a 20 pingos do licor Stragnoff”; e externamente, pela fricção, “com toda prontidão”, de baeta, flanela ou escova, embebida em pimenta malagueta, mostarda ou cantáridas. Complementando tal tratamento, “o sumo do limão em doses pequenas repetidas e progressivamente maiores, começando por uma colherzinha”, seria apropriado para o doente que não estivesse totalmente álgido e demonstrasse muita sede. *O Araripe*, n. 307, 13 mai. 1864, p. 3.

⁴⁵ *O Cearense*, n. 1519, 08 abr. 1862, p. 1.

⁴⁶ STUART, op. cit., p. 54.

⁴⁷ MACIEL, Dhenis Silva. *Dos sujeitos, dos medos e da espera: a construção social do cólera-morbus na província cearense (1855-1863)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017, p. 97.

provável que esta capital não escape à sua perniciosa influência atentas às frequentes comunicações e o comércio bastante ativo, que ligam as duas localidades”⁴⁸.

Em ofício de 4 de maio, quase um mês após a primeira morte no Icó, o vice-presidente informou: não “eram infundados os receios” manifestados na correspondência anterior ao ministro, sobre a “invasão do cólera-morbo nesta província que está hoje a braços com este terrível flagelo”. Comunicava o “quadro doloroso” de Icó, no “seu auge de intensidade, apresentando o cortejo de horrores que o acompanha”. Anexado ao ofício, estava cópia de comunicação feita pelo juiz de direito, Luís José de Medeiros, presidente da comissão nomeada pelo governo provincial para socorrer os icoenses. Escrito a 18 de abril, descrevia o ânimo abatido da população frente aos “triumfos” ostentados pela peste, com dezenas de mortes contadas diariamente. Devido ao grande número de acamados os “médicos já não tem forças e nem tempo para tanto trabalho, não lhes sendo possível acudir a todos”. A situação ainda se complicava pela falta do pessoal necessário para trabalhar no hospital improvisado e no cemitério. Ademais, a doença atingia prestadores de assistência à população, como “um velho sacerdote que ontem sucumbiu e de dois outros que têm sofrido, e que eram no seu elemento religioso, bons colaboradores na presente quadra”. O próprio Dr. Théberge adoecera, de modo que a “cidade se comoveu sensivelmente a esse duplo golpe que [a atingiu] espiritual e materialmente” ante a falta “desses seus guardas vigilantes e ativos zeladores”. Tratava, ainda, das dificuldades enfrentadas pela comissão de socorros e de um empréstimo contraído pela mesma, em nome do governo, para custear as ações. Neste cenário desolador, as ruas da cidade estavam esvaziadas:

Quase todos os seus habitantes se recolhem, se concentram no recinto de suas casas ou fazendas em leitos de dor ou velando à cabeceira dos amigos, dos parentes que

⁴⁸ ANRJ. Ofício n. 28, 15 mar. 1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862). O temor do presidente não era infundado: saindo do polo inaugural de contaminação – Icó – seriam atingidas pelo cólera, ao longo de 1862, as localidades: Aracati, Barbalha, Baturité, Canindé, Cascavel, Crato, Fortaleza, Jardim, Lavras, Maranguape, Milagres, Missão Velha, Morada Nova, Quixeramobim, Russas, Saboeiro, São João do Príncipe, Telha, Várzea Alegre, entre outras. Das quatorze comarcas existentes no Ceará, sete foram atingidas entre abril e junho. O cólera abrangeu, desta forma, parte significativa do território central cearense, marcando presença nas regiões do Cariri e Inhamuns, no sertão central e norte da província e em parte do litoral, incluindo a própria capital. Até o começo de 1863, a doença teria matado cerca de doze mil habitantes do Ceará, o que correspondia a aproximadamente 2% da população da época. Para maiores informações sobre a epidemia e suas consequências políticas e sociais na província, ver: ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. *A peste serve a qual partido?: disputas políticas e epidemia do cólera (Ceará, 1862-1863)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

sofrem. Há uma verdadeira desolação, um como abandono covarde aos acometimentos de um inimigo em triunfo⁴⁹.

Recuperado da doença, o dr. Théberge enviou ao *O Cearense* relato da situação epidêmica de Icó, datado a 8 de maio de 1862. Nele, ironizava a tendência geral do cólera no mundo, de vitimar as camadas sociais marginalizadas, ao compará-la com o observado na cidade. Segundo Théberge, os sobrados “mais bem arejados e mais asseados” de Icó, e que, portanto, “deveriam ser mais poupados”, foram por onde o cólera principiou a ação “com um furor inaudito a exercer sua espantosa tarefa”. Em contraste com tal situação, na cadeia da cidade, onde “perto de 70 pessoas” se “achavam entulhadas”, e, por isso, havia a expectativa do cólera agir com violência, “morreram dois [presos], já de muito tempo afetados de moléstias mortais, e outros dois sucumbiram aos efeitos da epidemia. Todos os outros se restabeleceram”⁵⁰. Ante tais dados, Théberge ironizava o saber científico, do qual era representante, ao mesmo tempo em que demonstrava desconforto com a proporção de mortos entre as elites locais, considerada alta por ele:

A cidade [de Icó] acha-se colocada numa imensa várzea; admiravelmente assentada numa das margens do rio Salgado, sua elevação acima do seu álveo, a preserva de suas maiores inundações, um declive natural do terreno favorece o escoamento das águas fluviais, que favorece a abertura de valados em todas as ruas que são largas, umas de perto de cem palmos, outras de mais de duzentos; as casas são boas, espaçosas e asseadas. Ora a ciência ensina que estas são as condições mais favoráveis à salubridade; logo o cólera não pode deixar de a respeitar e de a poupar. Sim, se a ciência não falhasse. Pois, por um capricho incompreensível desta bizarra epidemia, assolou-a com uma sanha ainda sem exemplo no Brasil. No decurso do mês de abril, de cinco mil habitantes que conta o recinto da cidade, levou quinhentos. Fez em um mês uma coleta exata do dízimo das vidas, e ainda continua a fazer numerosas vítimas; e só Deus sabe até aonde e quando ele continuará a nos coletar[...].

Diz-se geralmente que o cólera é rasteiro e não alcança senão a gente baixa, pobre e proletária. No Icó entre quinhentas vítimas que já se fez contam-se mais de cem pessoas de notabilidade⁵¹.

Ainda segundo o médico, nos primeiros dez dias da epidemia, “só morriam mulheres”. Passado o período inicial, o cólera teria se atirado nos “homens, como se o cruel se arrependesse de ter sido tão descortês para com o belo sexo”⁵². A incidência de mortes femininas, indicada por Pierre Théberge, pode ser explicada pelo papel desempenhado pelas mulheres no cotidiano doméstico na época. Das mulheres, por exemplo, se esperava o cuidado

⁴⁹ ANRJ. Ofício n. 35. 04 mai. 1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Offícios de diversas autoridades. Offícios do Governo do Ceará (1862).

⁵⁰ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁵¹ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 3-4.

⁵² *Idem*, p. 4.

com os doentes e a lida com alimentos e outros potenciais focos de transmissão do vibrião colérico. Tratando da epidemia de cólera de 1892, em Hamburgo, Richard Evans, indicou como, seja nas classes favorecidas ou não, as atribuições dadas às mulheres as expunham a maiores riscos:

[...] comprar, preparar e cozinhar alimentos, limpar a casa, inclusive os banheiros, trocar fraldas [...] e lavar as roupas de cama, na verdade lavar tudo, não apenas as vestimentas, mas também as panelas e frigideiras, os pratos, as facas e os garfos. Todas essas atividades, é claro, ofereciam grandes riscos durante uma epidemia do cólera⁵³.

O aumento significativo de mortes de mulheres e homens de Icó foi pródigo na simplificação dos ritos fúnebres. A historiografia demonstra serem os limites entre a vida e a morte bastante tênues no imaginário social do oitocentos. A crença cristã na qual o corpo é perecível, mas a alma é eterna, fazia as pessoas se preocuparem com os ritos que antecederiam e sucediam a morte. Os moribundos e familiares se empenhavam, assim, em cumprir as práticas garantidoras da “boa morte”, pois a transição malfeita podia fazer do moribundo alma penada, alongar a passagem pelo purgatório ou, até mesmo, condená-lo ao inferno. Destarte, as cerimônias e a simbologia eram acionadas para promover uma “boa viagem” ao “outro mundo”, de modo a integrar o morto, o mais breve possível, no novo lugar, “para seu próprio bem e a paz dos vivos”⁵⁴.

Philippe Ariès afirmou ser a “boa morte” precedida por aviso prévio, como a doença, pois, “sabendo de seu fim próximo, o moribundo tomava suas providências”⁵⁵. A produção de testamento, a reconciliação com membros da família ou da comunidade, o reconhecimento e pagamento de dívidas e a procura pelos sacramentos eram algumas das providências a tomar. Finar no leito doméstico, arrodado por familiares e amigos, após receber a confissão, seguida da comunhão e da extrema-unção, quando o sacerdote untava, com os “óleos santos”, orelhas, olhos, nariz, mãos e boca do enfermo, era o modelo idealizado pela “pedagogia do bem morrer”, ensinada aos fiéis pelos padres e por manuais populares até o oitocentos⁵⁶. Após o traspasse de alguém, os rituais prosseguiram: era preciso amortilhar o corpo, velá-lo, contratar missa de corpo presente e encomendação do defunto com os sacerdotes, e, enterrá-lo, enfim, em “campo santo”, como igrejas e cemitérios. Na sequência à cerimônia de enterro, outros

⁵³ EVANS, Richard J. *Death in Hamburg: society and politics in the cholera years*. New York: Penguin Books, 2005, p. 458.

⁵⁴ REIS, op. cit., p. 96.

⁵⁵ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 31.

⁵⁶ RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ritos seriam realizados: a manutenção do luto, missas expiatórias, o acendimento de velas, as visitas de cova etc. A “boa morte”, assim, exigia empenho dos familiares do finado, bem como recursos financeiros. Se algumas famílias faziam da morte de seus membros “espetáculo barroco”, por meio do qual reafirmavam o *status* social, pessoas pobres, com poucos recursos, se esforçavam para minimamente ver garantidos os ritos de passagem, filiando-se a irmandades religiosas ou legando parte de seus poucos bens para os gastos fúnebres⁵⁷.

Em contraponto ao modelo descrito acima, a “morte terrível” assaltava de forma súbita, não dando tempo ao moribundo de se preparar para a passagem. Não por acaso, os surtos epidêmicos e as guerras eram colocados como exemplos de “má morte”⁵⁸. Conjunturas extraordinárias, de tensão social, alteravam as práticas fúnebres corriqueiras, ante o aumento avassalador dos doentes e mortos. Os ritos cotidianos a unir o morto ao seu círculo não são os mesmos em tempo de peste ou guerra. A liturgia fúnebre que ordinariamente deveria se “desenrolar na ordem e na decência”, era substituída, “em condições insustentáveis de horror”, pela “anarquia e de abandono dos costumes mais profundamente enraizados no inconsciente coletivo”⁵⁹. O abandono dos ritos apaziguadores, por conta da epidemia, não deixava de ser trágico para os vivos, por dessacralizar a morte, tornando-a indecente: “uma população inteira corre o risco do desespero ou da loucura, sendo subitamente privada das liturgias seculares que até ali lhe conferiam nas provações dignidade, segurança e identidade”⁶⁰.

Atacada virulentamente pelo cólera, Icó vivenciou de forma dolorosa o espetáculo da “má morte”: viu as ruas tomadas por trânsito constante de corpos em direção ao cemitério construído por conta da epidemia. Escrevendo a 18 de abril, Luís José de Medeiros, relatava ao presidente da província que o campo santo não cessava “de receber cadáveres aos, 10, 12, 13 e 20 por dia, e hoje até este momento, cinco horas da tarde, já se contaram 26 e provavelmente ainda excederão de 30!”⁶¹. Em outra correspondência, Medeiros informou sobre dias nos quais o número de passamentos na cidade ultrapassou a casa dos cinquenta⁶².

⁵⁷ REIS, op. cit.

⁵⁸ ARIÈS, op. cit., p. 27.

⁵⁹ DELUMEAU, op. cit., p. 123.

⁶⁰ Idem, p. 125.

⁶¹ ANRJ. Ofício n. 35, 04 mai. 1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

⁶² ANRJ. Ofício n. 41, 26. mai. 1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

Médias diárias semelhantes foram registradas em outros lugares do Ceará, tais como Crato e Maranguape. Não por acaso, nas narrativas sobre os corpos dos coléricos de 1862 estão sempre embutidas imagens de horror, por conta da forma como eram tratados, sem a obediência aos ritos. As fontes falam de corpos amontoados indecentemente em carroças, jogados pelas ruas, à mercê dos urubus, de enterros em valas comuns, sem encomendação da alma feita por sacerdote e sem o acompanhamento de parentes e amigos, indícios da dessacralização da morte propiciada pela erupção do cólera e do impacto dela sobre os vivos.

A quantidade crescente de mortos era algo que preocupava as autoridades icoenses. Os sujeitos históricos daquele tempo, mesmo sem terem consciência de que o cólera era transmitido pelo contato com o material fecal dos doentes, ou com objetos e alimentos contaminados pelo mesmo, viam os defuntos como potenciais focos de perigo. Ademais, vigorava a crença nos “miasmas”, a defender que as doenças eram transmitidas por emanções pútridas, de matérias orgânicas em decomposição, contaminando o ar⁶³. O medo de que corpos ficassem insepultos, piorando as condições sanitárias da cidade, levou Luís José de Medeiros a mandar abrir “numerosas sepulturas, convenientemente fundas, a fim de nunca haver demora no enterramento dos corpos”⁶⁴. Como não havia pessoas suficientes dispostas “para cuidar deste importante serviço”⁶⁵, lançou mão de um recurso comum na epidemia de cólera no Ceará de 1862: colocou os presos da cadeia de Icó no trabalho. Os corpos iam para o cemitério numa carroça, doada à comissão sanitária por Estevão dos Anjos, junto com três cavalos⁶⁶.

Para além do espetáculo macabro dos intermináveis enterros, outros medos assombravam Icó durante a epidemia, especialmente entre suas elites. A conjuntura de caos criada pela moléstia levava os proprietários locais a temerem a revolta das camadas marginalizadas da cidade, notadamente escravizados e homens livres pobres. O medo não era de todo infundado: se a morte de uma centena de habitantes dos sobrados contrariou o Dr.

⁶³ Para um aprofundamento sobre os debates médicos que cercavam o cólera no Brasil do oitocentos, ver: PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

⁶⁴ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁶⁵ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4. Em diversas localidades do Ceará, presos foram colocados no trabalho de transporte e enterro de coléricos. O mais famoso caso desses ocorreu em Maranguape, vila onde mais morreram pessoas de cólera no Ceará, entre 1862 e 1863. Os presos coveiros desta localidade serviram de inspiração a uma novela de tom macabro, escrita por Rodolfo Teófilo, intitulada “Violação” (1899). Nela, os coveiros são apresentados como necrófilos, violando corpos de mulheres mortas pela epidemia. Para maiores informações sobre o assunto, ver ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. A peste tinha nivelado a todos: pensamento racial e representações sobre o cólera na obra *Violação*, de Rodolfo Teófilo (1899). *Veredas, Revista Eletrônica de Ciências*. Ano 13, n. 10, vol. 2, 2017, p. 126-143.

⁶⁶ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

Théberge, como mostrado anteriormente, foram, pelo contrário, os mais pobres os que morreram massivamente por cólera, especialmente pelas péssimas condições higiênicas, de alimentação e habitação a que estavam submetidos⁶⁷. Ademais, escravizados e livres pobres se expunham mais ao contágio, ao exercerem trabalhos cotidianos, como o abastecimento de água e alimentos nas casas abastadas⁶⁸. O clima de tensão social vivido na cidade foi narrado em texto publicado no jornal *O Cearense*, que tinha por escopo principal exaltar a ação de uma personagem pelo papel desempenhado durante a crise epidêmica:

Senhor Redator,

Na terrível época do cólera, por que passamos, como é natural, aparecem nessas ocasiões, que se formam tempos de exceção, e anormais, pessoas que se distinguem, representando, cada um o seu papel, uns inspirados pelo gênio do mal, faltando a caridade, só cuidando de si, sendo todo egoísta; e, o que é mais, até se locupletando por ocasião da desgraça alheia, outros ao contrário, como que fazendo um protesto contra os atos daqueles, dando um testemunho de que o homem não é mau por natureza, e que o seu coração é incapaz dum sentimento inútil, ei-los que se mostram heróis, ou protagonistas do drama de dor, e de sofrimento para a humanidade⁶⁹.

A citação acima serviu de preâmbulo a missiva assinada pelo pseudônimo *Justus*, veiculada na sessão “Correspondência”, em fins de agosto de 1862. Publicada com o título “O capitão Carmo perante o cólera no Icó”, tinha como objetivo fazer o elogio dos serviços prestados por Joaquim do Carmo Ferreira Chaves, do corpo de polícia provincial. Na introdução, afirmava serem os momentos críticos, tal como o vivenciado na cidade por conta do cólera, gatilhos para a leitura sobre a natureza das pessoas: de um lado, estariam aquelas representadas sobre o viés do egoísmo e da maldade; do outro, as generosas, boas, por deixarem os interesses pessoais em prol dos coletivos. Se às primeiras faltava o sentimento de “caridade”, nas últimas sobrava altruísmo, tornando-se heroicas e protagonistas. O texto lançava elogios aos prestadores de “bons serviços”, sendo “merecedores duma honrosa menção”. Assim, sem citar nomes, elogiava médicos e sacerdotes, responsáveis pelo socorro

⁶⁷ A historiografia dedicada ao cólera no Brasil tem demonstrado o impacto da mesma sobre os mais pobres, com destaque para a situação de negros livres e escravos. Como exemplos desta produção, ver: COOPER, Donald B. The new “black death”: cholera in Brazil, 1855-1856. *Social Science History*. V. 10, n. 4, pp. 467-488, 1986; KODAMA, Kaori et al. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 59-79, dez. 2012; DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX*. Salvador: EDUFBA/Sahar Letras, 1996; SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. *Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

⁶⁸ COOPER, op. cit., p. 486.

⁶⁹ *O Cearense*, n. 1539, 26 ago. 1862, p. 3.

físico e espiritual dos enfermos, mais também proprietários rurais e negociantes “caridosos, com os seus socorros pecuniários em favor da pobreza”⁷⁰.

A partir desse ponto, *Justus* começava a descrever as ações de Joaquim do Carmo na quadra epidêmica, quando se portara não “somente como um soldado, um comandante de destacamento”, mas, “antes de tudo isto, olhou-se como homem, como cristão!”⁷¹. Embora afirmasse não desejar “ferir suscetibilidades”, em alusão à pretensa vontade do capitão de manter discricção sobre os atos realizados, a carta o descrevia como alguém que “se multiplicava”, servindo a todos, ricos e pobres. Seus principais atos teriam tido lugar nas duas enfermarias montadas na cidade, no teatro e na cadeia pública. Mesmo tendo contraído o cólera, o militar se recusara a parar “de acudir” a “quem lhe batia a porta”. Por isso, “pulou da cama fora, e ficou bom, e Deus o consentiu sem dúvida para continuar na sua carreira de abnegação e de caridade com os seus serviços extraordinários”⁷².

Após descrever Joaquim do Carmo Ferreira Chaves quase como santo, determinado em continuar servindo aos que procuravam auxílio, mesmo estando ele debilitado, a carta revelava outra faceta do capitão, bastante valorizada numa sociedade marcada pela desigualdade social, escravidão e preconceito de cor: a energia para impor a ordem. Segundo *Justus*, “certa gente ruim, que infelizmente sempre se honra com a denominação de canalha”, esteve a ponto de tumultuar a cidade. Tais pessoas teriam realizado “vários roubos e tentativas para outros, como até se suspeitou que pretendiam formar grupos, e invadir as casas dos ricos, que eles supunham ter dinheiro”. Neste cenário, Joaquim do Carmo mostrou o gênio militar:

Essa gente cruel, e ingrata, no dia que via morrer maior número de pessoas boas e gradas, supunha-se incólume, e dizia que os brancos se acabariam; e gritava – o Icó é nosso –. O capitão Carmo do mesmo modo que era caridoso, e brando, torna-se enérgico, e forte para castigar os desmandos da canalha⁷³.

Pelo trecho, deduz-se ter a camada abastada, e branca, do Icó temido a conjuntura epidêmica, pela ameaça de desordem social, caracterizada pela pretensa ação da “canalha”, representada como criminosa. O medo da doença, somou-se ao temor das “classes perigosas”⁷⁴, fenômeno visível em outras epidemias do cólera no mundo oitocentista, onde os

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² *O Cearense*, n. 1539, 26 ago. 1862, p. 3.

⁷³ Idem.

⁷⁴ A descrição feita por *Justus* sobre a “canalha” do Icó encaixa com a visão preconceituosa presente na expressão “classes perigosas”. O termo teve ampla difusão no oitocentos. No geral, era utilizada para definir segmentos marginalizados, que recusariam trabalhos, preferindo viver cometendo crimes. No caso do Brasil,

pobres, majoritariamente vítimas da doença, foram representados como focos de desordem, ou protagonizaram, de fato, rebeliões⁷⁵. Todavia, “as pessoas boas e gradas” da cidade de Icó, informava o texto d’*O Cearense*, tinham quem lhes valesse. Quando a mortalidade aumentou, sendo “preciso sepultar de 40 a 50, e mais por dia e noite”, a “gente ruim” foi forçada a se integrar nos trabalhos do cemitério. Ao negarem-se a fazê-lo, “mesmo mediante boa paga e muitas rogativas”, o “cinturão do soldado era apontado a esses desalmados, que só assim se prestavam” aos afazeres. Desta forma, sem a coação liderada pelo capitão Carmo, disciplinando e subordinando a “canalha”, “os cadáveres ficariam insepultos”⁷⁶ e a turba tomaria Icó.

Ao apontar as tensões existentes na primeira cidade tocada pelo cólera no Ceará e a mescla entre brandura e energia do capitão Carmo, a missiva de *Justus* é um dos exemplos mais interessantes da série de textos, publicados na imprensa cearense ao longo de 1862, voltados à avaliação dos serviços prestados por determinadas pessoas durante a epidemia. Comumente descritas como atos de “justiça”, as publicações afirmavam-se motivadas pela gratidão das localidades com os socorros oferecidos por figurões locais na crise, usualmente apresentados como discretos, não adeptos do autoelogio e autopromoção. No caso narrado pelo *O Cearense*, é possível perceber como o poder disciplinador das autoridades, a se voltar contra sujeitos que ameaçassem a ordem e *status* estabelecidos, era um dos fatores usados para definir méritos.

“classes perigosas” seriam representadas como “classes pobres viciosas”, majoritariamente vistas como compostas por pessoas de cor, tidas como fonte constante de ameaça ao ordenamento social. CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 20-23.

⁷⁵ Revoltas populares ocorreram durante os surtos de cólera em países como França, Rússia e Alemanha. Em 1856, o caso do “Pai Manoel”, curandeiro negro, também levou Recife à beira de uma revolta, liderada pelas camadas negras da cidade, que suspeitavam de um complô das autoridades para matar a “gente de cor” (DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *As artes de curar nos tempos do cólera: Recife, 1856*. In: CHALHOUB, Sidney et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 358). A prisão de “Pai Manoel”, levou a um clima de tensão na capital de Pernambuco, província onde o número de mortos por cólera ultrapassou os trinta mil na ocasião, em sua maior parte, negros. A quadra epidêmica trazia problemas que aumentavam os choques sociais, tais como: elevação dos preços dos alimentos, por conta das medidas de quarentena; as mudanças impostas sobre o cotidiano da população, como nos ritos religiosos e nas práticas de cura tradicionais; as medidas disciplinadoras de médicos e autoridades públicas; a piora das condições de trabalho e higiene; etc. Por outro lado, entre as elites, assustadas com a epidemia e com a possibilidade de distúrbios sociais, prevalecia um discurso que via a doença como resultante da “fraqueza moral e falta de autocontrole” da pobreza, isentando-se de uma percepção mais ampla dos problemas da época, como se a “distribuição desigual da riqueza e da saúde” fossem “responsabilidade do indivíduo e não da sociedade como um todo” (EVANS, Richard J. *Death in Hamburg: society and politics in the cholera years*. New York: Penguin Books, 2005, p.355). Todos esses fatores ajudam a problematizar o cólera como fenômeno histórico.

⁷⁶ *O Cearense*, n. 1539, 26 ago. 1862, p. 3.

Théberge também elogiou a atuação do capitão Carmo, especialmente pela direção que este exercera no hospital montado no teatro. Nas palavras do médico, Carmo “tomou a direção desta enfermaria que administrou com muita inteligência e com um zelo incansável, e com uma dedicação digna dos maiores elogios”⁷⁷. Além disso, destacava que “seu gênio benfazejo” se manifestava também ao acudir “todas as casas, onde havia doentes graves e perigosos”⁷⁸.

Não por acaso, Joaquim do Carmo foi uma das pessoas de Icó, indicadas pelo presidente da província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, em 1863, para serem agraciados com honrarias pelos serviços prestados durante a epidemia do cólera. Segundo o presidente, o militar prestara “relevantes serviços, não só policiando a cidade e evitando o roubo, quando ela estava quase abandonada”, mas também pelas ações prestadas como “enfermeiro”. Por tais serviços prestados, Figueiredo Júnior solicitou ao governo imperial o oficialato da Ordem da Rosa para Joaquim do Carmo⁷⁹. Pelo trabalho nos socorros públicos e pela violência contra possíveis insubordinados, o capitão Carmo tornou-se “um dos heróis da crise”⁸⁰, na opinião de Théberge.

A conjuntura caótica instaurada pela peste demandava a ação dos médicos residentes na cidade, contratados pelo governo provincial para socorro dos desvalidos, com diária de 20\$000 (vinte mil réis), mais ajuda de custo de 50\$000 (cinquenta mil réis), valores consideráveis⁸¹. Os dois esculápios, Pierre Théberge e Rufino de Alencar eram inimigos notórios. Contudo, a delicada situação levou a um cessar-fogo entre os seguidores de Hipócrates. Segundo Théberge, ele e o colega, ante a “invasão do mal”, “sacrificaram os seus ressentimentos comuns no altar da pátria, e reuniram os seus esforços para melhor debelarem o inimigo”⁸².

Pelos relatos existentes, o pico do cólera em Icó teria ocorrido em abril de 1862. Foi nesse período que diversas pessoas evadiram da localidade, ante o avanço das mortes nas ruas e do adoecimento em massa. As fugas aumentaram a sensação de desamparo de quem permanecia, ao ponto do juiz e presidente da comissão de socorros intervir na situação,

⁷⁷ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁷⁸ *Idem*.

⁷⁹ FIGUEIREDO JÚNIOR, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior. Apud VASCONCELOS, Barão de. Um documento oficial relativo ao Cholera-morbus no Ceará em 1862. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, tomo XXIV, 1910, p. 93.

⁸⁰ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁸¹ ANRJ. Ofício n. 52. 27 jun. 1862. Série Interior. Negócios de Província e Estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

⁸² *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

tentando convencer algumas famílias a não sair de suas residências: “sinal de um desânimo geral, e de um pânico aterrador, a população já tratava de abandonar a cidade e de fugir para os matos. Foi necessário que o juiz de direito corresse de casa em casa e reanimasse os chefes de família, mostrando-lhes quão funesto se tornaria a sua resolução”⁸³.

O avanço da moléstia coincidiu com o período de chuvas. Alguns médicos da época, sem muita certeza científica, conjecturavam ser o clima úmido propício à disseminação das epidemias. Para além disso, a quadra chuvosa intensificou entre os icoenses o sentimento de que viviam um momento tenebroso. Segundo a narrativa de Pierre Théberge:

As nuvens se desfaziam em torrentes de chuva, e fuzilavam relâmpagos medonhos e os estampidos rasgados dos trovões ribombavam horrivelmente de nuvem em nuvem e de serrania em serrania, prolongando-se em coro. Os vizinhos espavoridos encaravam uns aos outros num maior silêncio. Empalideciam e ficavam imóveis como estátuas⁸⁴.

Para completar o desalento dos moradores da cidade, o tempo de maior mortalidade foi, contraditoriamente, aquele do calendário que era mais caro aos católicos do período: a “Semana Santa”, que abrangeu os dias 13 a 20 de abril de 1862. Nas palavras de Pedro Théberge, os “dias da semana santa foram para o Icó os mais funestos de toda a quadra epidêmica: a mortalidade diária elevou-se nestes dias de quarenta a cinquenta mortes”⁸⁵. Neste sentido, a cidade não pôde vivenciar os rituais dos “dias santos”, uma perda simbólica importante, ainda mais numa situação de morte e medo, quando o alento religioso parecia mais precioso.

Passada a semana santa, o número de mortos começou a cair consideravelmente. Segundo relato ao governo provincial, feito pelo presidente da comissão de socorros local, o juiz Medeiros, o dia 28 de abril seria o marco da queda: se na semana anterior foram registrados falecimentos a cada hora, a partir do antepenúltimo dia do mês, as taxas decresceram, matando “7, 5, 2, 1”⁸⁶, zerando os casos na primeira semana de maio. Segundo Théberge, o declínio da epidemia coincidiu com a mudança climática. Escrevendo em 7 de maio de 1862, o médico assim descreveu o ânimo da cidade:

⁸³ Idem.

⁸⁴ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ ANRJ. Ofício n. 41. 26 mai. 1862. Série interior. Negócios de províncias e estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

Enfim do último de abril em diante o tempo foi enxugando, as chuvas diminuíram e a mortandade foi declinando. Ontem e hoje não morreu pessoa alguma. Pode se dizer que a cidade entrou em convalescência. Se a visses dar-vos-ia vontade de vos rir e de chorar. Ela ainda está pálida e desfigurada, mas nos seus olhos cintila a vida e a esperança. Já os donos das casas abandonadas tratam de as desinfectar, e de voltar para elas. A fatal carroça não percorre mais as ruas, e os hospitais já estão fechados⁸⁷.

A esperança parecia retornar às ruas, após o tempo no qual o desalento e o macabro tomaram tais espaços. Aos moradores da cidade, restava secar as lágrimas e lidar com as perdas econômicas e humanas e suas consequências concretas. A vida tinha que continuar, apesar das perdas, mas a tragédia nunca seria totalmente esquecida.

Considerações finais

Todas epidemias trazem duro aprendizado. Elas desnudam as contradições que marcam as sociedades atingidas, indiciando as tensões sociais latentes. Expõem a fragilidade da vida humana, sempre sob ameaça de seus próprios erros socioeconômicos e de “inimigos invisíveis”, como bactérias e vírus: minúsculos, mas com força para levar multidões aos cemitérios.

O caráter dramático das epidemias marcou a experiência humana ao longo do tempo. Não por acaso, os surtos epidêmicos inspiraram diversas obras – pictóricas, memorialísticas, literárias etc. – que tentaram registrar a percepção dos sujeitos históricos confrontados pelo desespero, abandono e pela morte massiva. Assim, esses eventos trágicos foram registrados por quem os vivenciou e imaginados por quem leu ou ouviu relatos das “pestes” de outrora.

Conforme afirmado anteriormente, o cólera teria matado entre 700⁸⁸ e 1.400⁸⁹ pessoas no Icó de 1862. A crer na informação de que havia cerca de 5 mil pessoas habitando a cidade na ocasião⁹⁰, a porcentagem de vidas perdidas corresponderia a dano demográfico de 12% a 22%. Em 1864 um novo surto do cólera em Icó fez menos de 50 vítimas⁹¹. A mortalidade considerável deixada pela primeira passagem do cólera na cidade e as informações apresentadas nas fontes analisadas neste artigo indiciam o impacto da crise sanitária.

⁸⁷ *O Cearense*, n. 1526, 27 mai. 1862, p. 4.

⁸⁸ *O Cearense*, n. 1568, 20 mar. 1863, p. 1.

⁸⁹ *O Araripe*, n. 287, 06 set. 1862, p. 2.

⁹⁰ ANRJ. Ofício 41. 26 mai. 1862. Série interior. Negócios de províncias e estados. Ofícios de diversas autoridades. Ofícios do Governo do Ceará (1862).

⁹¹ STUART, op. cit, p. 59.

Ocorrida há mais de um século e meio, a epidemia permanece sendo lembrada em Icó. Várias gerações após o trágico abril de 1862, a narrativa sobre a “peste” foi sendo repassada e reconstruída, plasmando-se de tal forma a ponto de torna-se marco explicativo para a perda de poder e prestígio da “Princesa dos Sertões”. Assim, os memorialistas locais apresentam o cólera como responsável pela morte de metade da população citadina da época, constituindo uma espécie de capítulo inicial da ruína econômica e política de Icó. Não obstante, se essa memória inflou dados demográficos e ergueu explicações de base histórica frágil, a aceitação dela entre os icoenses e sua constante repetição atestam a força da lembrança dos dias nos quais “um inimigo em triunfo” varreu a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. *A peste serve a qual partido?: disputas políticas e epidemia do cólera (Ceará, 1862-1863)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

_____. A peste tinha nivelado a todos: pensamento racial e representações sobre o cólera na obra *Violação*, de Rodolfo Teófilo (1899). *Veredas, Revista Eletrônica de Ciências*. Ano 13, n. 10, vol. 2, 2017, p. 126-143.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BRASIL, Thomaz Pompeo de Souza. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Tomo II. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COOPER, Donald B. The new “black death”: cholera in Brazil, 1855-1856. *Social Science History*. V. 10, n. 4, pp. 467-488, 1986.

DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX*. Salvador: EDUFBA/Sahar Letras, 1996.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. As artes de curar nos tempos do cólera: Recife, 1856. In: CHALHOUB, Sidney et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p.331-385.

EVANS, Richard J. *Death in Hamburg: society and politics in the cholera years*. New York: Penguin Books, 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Ribeira dos Icó: Icó-CE*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2008.

KODAMA, Kaori et al. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 59-79, dez. 2012.

LAVOR, Yuri Guedes de. *Pierre François Théberge em riscos de vida neoclássicos/barrocos na Ribeira dos Icó*s. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal do Cariri, Icó, 2018.

LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Edição do autor: Icó, 1995.

LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Vol. 2. Edição do autor: Icó, 1998.

MACIEL, Dhenis Silva. *Dos sujeitos, dos medos e da espera: a construção social do cólera-morbus na província cearense (1855-1863)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MAPURANGA, José (org.). *Bem-vindo ao reino do louro e da peixada: Icó, patrimônio nacional*. Expressão Gráfica: Fortaleza, 2009.

MCNEILL, Willian. H. *Plagues and peoples*. New York: Anchor Press, 1976.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império: 1871-1889*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. N. 10, Dez. 1993, p. 7-28

OLIVEIRA, Almir Leal de. A construção do Estado Nacional no Ceará: autonomias locais, consensos políticos e projetos nacionais. In. SOARES, Igor de Menezes; MORAIS, Ítala Byanca (orgs.). *Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva*. Vol. 2. Fortaleza: IPHAN, 2017.

PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In. SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2007.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. *Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

STUDART, Dr. Barão de. *Datas e factos para a história do Ceará*. Ed. fac-sim. (1896). Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

_____. *Climatologia, epidemias e endemias do Ceará*. Ed. fac-sim. (1909). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

THÉBERGE, Henrique. Traços Biográficos do Dr. Pedro F. Théberge”. *Revista da Academia Cearense*. Tomo II, 1898.

TOSH, John. *A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

VASCONCELOS, Barão de. Um documento oficial relativo ao Cholera-morbus no Ceará em 1862. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, tomo XXIV, 1910, p. 79-99.

Recebido em: 10/04/2020

Aprovado em: 30/08/2020